

Índice

O coronavírus põe à prova a “escola do futuro”	1
Falávamos de eutanásia e veio o coronavírus	2
J.K. Rowling enfrenta o movimento trans	3
“Poder y dinero”	4
“Le Mans’66 – O Duelo”	5

O coronavírus põe à prova a “escola do futuro”

São já muitas vozes as que salientam que a pandemia do coronavírus pode contribuir para melhorar alguns aspetos da realidade tal como a conhecíamos: o modelo de capitalismo, no económico; o teletrabalho e a conciliação, no laboral; ou, inclusivamente, o sentido de comunidade, no social. Somente o tempo dirá se efetivamente existem mudanças duradouras. No entanto, há um âmbito em que as circunstâncias já forçaram uma experiência “real” de grandes magnitudes: o ensino.

Segundo o cálculo da ONU, cerca de 800 milhões de estudantes viram encerrar as suas escolas desde que começou a crise. Os sistemas educativos de todo o mundo movimentaram-se, na medida das suas capacidades, para que os alunos possam continuar os seus estudos através de métodos inovadores. Se há um momento para experimentar a “revolução” da escola, tão desejada por alguns, é este.

É verdade que, como salientam alguns detratores do ensino tradicional, não se trata do cenário ideal, porque a passagem da sala de aula para o ensino *online* foi muito abrupta, sem tempo para preparar materiais, formar os professores e os alunos na utilização das ferramentas tecnológicas, organizar o currículo ou pensar nos métodos de avaliação. Contudo, já se vislumbram algumas oportunidades e limites do que alguns consideram a “escola do futuro”.

Mas, quais são as suas características? Segundo os seus promotores, haverá uma maior personalização da aprendizagem, mas também uma abordagem de maior colaboração, dois aspetos que não é fácil conjugar. Nas palavras de Derek Haoyang Li, fundador da Squirrel AI, uma plataforma que aplica a inteligência artificial ao ensino, a experiência de aprendizagem perfeita é aquela em que “cada um recebe o conteúdo apropriado, transmitido de forma adequada e no momento preciso para as nossas necessidades particulares”. Consequentemente, a tecnologia seria o principal aliado nesta tarefa.

Com efeito, as ferramentas que muitos professores se estão a ver forçados a utilizar atualmente, permitem-lhes receber uma informação que é mais imediata e personalizada sobre o desempenho dos estudantes, embora isto não tenha necessariamente de implicar uma avaliação mais justa, pois nem todos os aspetos da aprendizagem podem ser bem qualificados por estes meios.

Outra vantagem deste ensino “tecnologizado” é que estimula os professores a criarem mais recursos audiovisuais, que se podem tornar atrativos para os alunos (desde que bem desenhados, o que exige tempo e experiência). Por outro lado, nas circunstâncias atuais, desaparecem os comportamentos disruptivos que são resultado dos agrupamentos nas salas de aula, o que beneficiará tanto os próprios disruptores, como os seus companheiros.

Além disso, a personalização do ensino através da tecnologia permite que seja melhor adaptada aos diferentes ciclos de atenção de cada aluno. Há mesmo quem defenda que o

distanciamento forçado pela pandemia pode ajudar a que melhore a relação entre alunos e professores, pois estes veem-se obrigados a “baixar do púlpito” e a manter uma comunicação mais pessoal com cada estudante. Por outro lado, como a necessidade aperta, durante este período estão a surgir [interessantes projetos de colaboração público-privados](#).

O ensino à distância, e a chamada “escola do futuro” em geral, também tem importantes inconvenientes. Em primeiro lugar, pode contribuir para [aumentar o fosso de rendimento](#) entre estudantes de diferentes níveis socioeconómicos. Os de famílias com mais rendimentos costumam dispor de melhores condições tecnológicas para aproveitar uma situação como a atual: ligação à Internet, dispositivos adequados, competências digitais, etc. Além disso, os seus pais geralmente estudaram mais, e podem ajudá-los melhor nos trabalhos a efetuar, ou até a complementar os materiais oferecidos pelo professor.

Inclusivamente, em Pequim, onde o governo paga a um dos pais o equivalente ao seu salário para que fique com os filhos enquanto durar o encerramento das escolas, esta possibilidade irá beneficiar especialmente os alunos com pais mais preparados. Por outro lado, muitos alunos pobres necessitam do serviço de refeitório subsidiado que o governo proporciona através das escolas.

Outro aspeto que se perde com o ensino à distância é o carácter socializador da escola, em que tanto insistiu a pedagogia moderna. Para lá do efeito académico (a investigação refere que as notas melhoram quando o corpo de alunos é mais diverso, e não existe menor diversidade do que estar sozinho), a escola é um lugar privilegiado para aprender aspetos relacionados com o civismo e os valores.

Todavia, o principal problema do ensino *online* é que, em geral, [aprende-se menos](#) do que presencialmente, conforme salienta a investigação mais rigorosa a este respeito. Certamente, existem experiências positivas no uso de certas ferramentas tecnológicas. Por exemplo, numa experiência efetuada em 2017, na Índia, os alunos que utilizaram um *software* chamado Mindspark, para melhorar em matemática e leitura, [conseguiram melhores resultados](#) do que outros que receberam uma instrução tradicional, embora se deva dizer que o programa informático era complementado com sessões presenciais em pequenos grupos. E a verdade é que a aula presencial, com a sua mistura de explicação e prática, de escuta e de perguntas, de trabalho individual e cooperativo, oferece um tipo de instrução mais interativo e personalizado do que pensam os que criticam o ensino “tradicional”.

De qualquer forma, dadas as atuais circunstâncias, as aulas *online* são a única alternativa à interrupção total. Sabedores disso, professores e escolas estão a utilizar diferentes ferramentas. Em primeiro lugar, é muito útil contar com uma plataforma onde o docente possa partilhar o material com os alunos e comunicar com eles. A Google Classroom foi especialmente desenhada para facilitar a vida ao professor.

As aulas gravadas são uma opção quase imprescindível em tempos de confinamento. Se o professor não se sente confortável diante das câmaras, são muito úteis os quadros virtuais. Programas como o Explain Everything permitem gravar uma aula utilizando o ecrã do computador ou do iPad como se fosse um quadro, onde o professor pode desenhar ou inserir todo o tipo de gráficos ou vídeos, enquanto se escuta a sua voz. O Power Point permite a mesma função, embora de modo menos sofisticado.

Uma variante muito prática para assegurar a eficácia educativa da gravação é o Edpuzzle: com este programa pode-se editar vídeos de maneira que, num momento da reprodução, o professor introduz algumas perguntas; só se o aluno responder bem a elas, o vídeo continua.

Mas nem tudo são gravações. Também existem recursos para manter uma conversa ao vivo, de maneira que se possa responder às dúvidas. Para isso, os professores têm vindo a utilizar várias aplicações de videoconferência como Hangouts (Google), Skype, Teams (Microsoft) ou Dingtalk (sobretudo em países asiáticos). A Webex conta mesmo com um botão de “levantar a mão”: quando o estudante o impulsiona, o professor recebe um aviso. Existe inclusivamente uma aplicação chamada Liveboard, que combina a função de *videochamada* e de quadro virtual.

Todas estas ferramentas, embora não possam substituir completamente a aula presencial, servem pelo menos para encurtar distâncias e, talvez, para dar à luz novas formas de instrução suscetíveis de enriquecer o ensino do futuro.

Mas o aproveitamento atual não depende apenas dos professores. A atitude com que a família venha a enfrentar a situação pode marcar a diferença.

F.R.-B.

Falávamos de eutanásia e veio o coronavírus

Parece uma ironia macabra. A primeira proposta de lei que foi apresentada pelo governo de Pedro Sánchez em finais de janeiro último no início da legislatura foi a lei da eutanásia. E agora está a lutar com todas as suas forças para evitar que as pessoas morram.

Com o coronavírus, muitas coisas que antes pareciam importantes e polémicas, agora tornam-se irrelevantes. O governo espanhol apresentou a eutanásia como um novo direito, um exercício da autonomia do doente, atingido por uma doença

grave e incurável, que lhe provoca um sofrimento físico ou psíquico insuportável. Agora o que está em jogo é se se dispõe de meios para garantir o direito ao acesso dos cuidados de saúde. Nesta altura, o sofrimento do doente tem a ver com não saber se disporá de um ventilador e de uma cama na UCI quando deles precisar para salvar a vida, e não de se haverá alguém disposto a libertá-lo da doença grave com uma injeção letal.

A eutanásia foi vendida como a resposta a uma solicitação social que quer ter esta carta perante uma morte hipoteticamente dolorosa. Mas o apoio à eutanásia costuma ser oriundo de uma população com boa saúde que observa a morte como algo longínquo, quase como um problema de idosos. Agora, pelo contrário, a morte é vista como uma ameaça iminente para todos. E o que pede a sociedade é afastar essa ameaça com os meios terapêuticos adequados. Ninguém se quer prevenir agora contra uma suposta obstinação terapêutica, reclamando-se sim mais pessoal de saúde, mais recursos, mais cuidados.

Inclusivamente, observa-se de outra forma a população idosa. As propostas de eutanásia dão por adquirido que são inúmeros os idosos privados da vontade de viver, que sofrem de senilidade, de doenças incapacitantes ou dolorosas, e que encarariam a eutanásia como uma libertação. Ao ponto de, se eles já não estão em condições de pedi-la, ser-lhes-ia feito um favor se entre o médico e os familiares fosse acordada essa eutanásia não solicitada. Agora, quando os mais idosos são as vítimas preferenciais do coronavírus e os lares de idosos se transformaram em territórios perigosos, ninguém quer ver desaparecer os seus idosos mesmo que tenham já pouca esperança de vida. A ideia de que a eutanásia é uma garantia de morte digna torna-se irrisória numa situação em que muitos doentes estão a morrer sozinhos, sem que os seus familiares possam despedir-se deles, sem o consolo coletivo de um velório e de um enterro com familiares e amigos, e com listas de espera para uma cremação.

A vulnerabilidade dos doentes perante um possível final trágico mostra também até que ponto é irreal a suposta autonomia do doente terminal. Os defensores da eutanásia apresentam-na sempre como a decisão meditada e racional de uma pessoa que exerce a sua liberdade, sem pressões nem condicionamentos, que opta por abandonar a vida em face de um sentimento íntimo de indignidade devido à perda de faculdades. Mas, numa emergência como a atual, quando alguém pode estar são num dia e três dias depois internado numa UCI, os limites da autonomia são bastante evidentes. Se alguém perdesse a sua dignidade por depender dos cuidados de outros, haveria que perguntar aos doentes internados se não preferem uma “morte digna”.

Perante a intensidade da pandemia, todos agradecemos o esforço e a coragem do pessoal da área da saúde, que se multiplica para atender os doentes, expondo-se também ao contágio. O doente é colocado nas suas mãos com a confiança de que vão fazer todo o possível para o salvar, ainda que a pessoa já não possa tomar decisões. Mas esta confiança ficaria muito diminuída se, em virtude da eutanásia, o pessoal

de saúde pudesse decidir se estamos já diante de uma vida que não vale a pena ser vivida. Porque uma coisa é a limitação do esforço terapêutico quando já é inútil, e outra aplicar ao doente os próprios critérios sobre as condições de uma vida digna.

Em condições normais, a ideia da eutanásia aparece como um instrumento para controlar o modo de morrer. Mas a pandemia de coronavírus revelou os nossos limites em face de uma mortalidade fora de controlo. Daí que possa ser a oportunidade para repensar a nossa atitude perante o final da vida, de modo que a proposta de lei da eutanásia seja a última vítima do coronavírus.

I. A.

J.K. Rowling enfrenta o movimento trans

J.K. Rowling, a conhecida autora da saga “Harry Potter”, está no centro dos ataques do movimento *trans*. Criticam-na, entre outras coisas, por ter apoiado a afirmação de uma feminista de que uma lésbica não devia ser rotulada de “intolerante” por não querer encontros com mulheres *trans* (biologicamente homens).

De algum tempo a esta parte, o assédio e as acusações de “transfobia” por parte de ativistas desse grupo têm vindo a aumentar, pelo que a autora acaba de publicar [um breve ensaio na sua web](#), onde explica as suas razões.

Em face da imposição que, afirma, é feita hoje às mulheres para que aceitem não existir nenhuma diferença material entre elas e as *trans*, a escritora britânica emite as suas restrições: “Como ouvi dizer a muitas mulheres, ‘ser mulher não é um fato’, ‘não é uma ideia na cabeça de um homem’, ‘não é um cérebro de cor rosa’ (...). A linguagem ‘inclusiva’ que denomina as mulheres como ‘menstruantes’ ou ‘pessoas com vulva’ é chocante para muitas como desumanizadora e degradante”. Não é, acrescenta, uma forma “neutral, mas hostil e alienante”.

Para Rowling, é preocupante, entre outras coisas, a explosão de casos de raparigas menores de idade que pediram no Reino Unido a “transição” para o sexo masculino: em dez anos, [os pedidos dispararam](#) 4400 %, com um bom número de casos correspondentes a raparigas que têm transtornos do espectro do autismo.

A autora diz não estar em princípio contra os processos de “mudança de sexo”, mas contra a facilidade com que se diagnostica “disforia de género” e se acolhe a vontade de quem

solicita essa mudança, tanto mais quando “estudos exaustivos mostraram de modo sólido, que 60 % a 90 % de adolescentes vão deixar de a experimentar”.

Rowling adverte, além disso, que o ativismo *trans* está a pugnar pela eliminação urgente de quase todo o sistema de salvaguardas que devia passar um candidato em troca de sexo. Atualmente, “um homem que não pretenda sequer submeter-se a uma cirurgia de mudança de sexo nem tomar hormonas, pode conseguir um Certificado de Reconhecimento de Género e ser uma mulher aos olhos da lei”.

A sua crítica é que regulamentações deste tipo põem em perigo as mulheres: “Quero que as mulheres *trans* estejam seguras, mas ao mesmo tempo, não quero que se retire segurança às raparigas e mulheres biológicas. E quando se abre as portas das casas de banho e de vestiários a qualquer homem que se considera ou se sente mulher, aí está-se a abri-las a quem quer que seja e a todos os que desejem entrar. Essa é a pura verdade”.

Mas nem toda a gente a expressa. Segundo explica, muitas mulheres estão aterrorizadas pelos ativistas *trans*. “Receiam que publiquem dados pessoais delas na Internet, ou perder o emprego ou os seus meios de subsistência, ou ser objeto de violência”.

Não é, no entanto, o seu caso. Afirma que “me nego a baixar a cabeça perante um movimento que acho estar a provocar um claro prejuízo, ao procurar minar o conceito ‘mulher’ como categoria política e biológica, e ao oferecer cobertura a predadores”.

Acrescenta que “estou juntamente com as mulheres, homens, homossexuais, heterossexuais e *trans* corajosos que se posicionam do lado da liberdade de expressão e de pensamento, e pelos direitos e pela segurança dos mais vulneráveis da nossa sociedade”, entre eles, “as mulheres que confiam e desejam manter os espaços próprios do seu sexo”.

“Poder y dinero”

“Potere e denaro”

Autor: Michele Zanzucchi
Ciudad Nueva. Madrid (2018)
184 págs.

O Papa Francisco, desde que iniciou o seu pontificado, não se furtou em abordar e manifestar-se sobre assuntos atuais que,

por serem muito importantes, exigem atenção e respostas. É o caso da economia, que tanta influência tem na vida das pessoas.

Michele Zanzucchi, ex-diretor da revista “Città Nuova” e professor de Comunicação na Universidade Gregoriana, assumiu neste livro, encorajado pelo Papa, o desafio de expor o pensamento e a influência de Francisco no âmbito económico. Tal como afirma explicitamente o próprio Pontífice na introdução, o seu propósito foi levar todas as pessoas a ganharem consciência e responsabilização, assim como impulsionar processos de justiça e de equidade urgentes no contexto atual.

Zanzucchi toma como referência os textos de Francisco, destacando a exortação apostólica “[Evangelii gaudium](#)” e a encíclica “[Laudato si](#)”. O aspeto principal é entender a ambivalência da economia, capaz do melhor e do pior, e que isso reclama o exercício das virtudes nesta área. Tem de se passar de uma sociedade que “trata tudo e todos como mercadoria”, para uma cultura que valorize todos os recursos de que dispõe a sociedade. É necessário introduzir na linguagem das finanças, do trabalho e da cooperação internacional, palavras como “comunhão”, “solidariedade” e “cultura de dar aos outros”.

Zanzucchi, apoiando-se nos últimos pontificados e ensinamentos da Doutrina Social da Igreja, reflete sobre: globalização, emigração, pobreza, cultura de descartar, defesa do trabalho, papel dos empresários e dos sindicatos, corrupção, uso correto da tecnologia, ou comércio das armas e as guerras.

O livro é concluído com um capítulo sob a epígrafe “Que fazer?”. Nele fica claro que não há uma “fórmula mágica”, mas um caminho a percorrer, adotando uma nova cultura do encontro e do cuidado, onde se recupere como referência o “bem comum”, e um lugar destacado à fraternidade e à justiça.

L. B. M.

Michele Zanzucchi

**Poder y
dinero**
La justicia social según
Bergoglio



“Le Mans’66 – O Duelo”

“Ford v Ferrari”

Realizador: James Mangold
Atores: Matt Damon; Christian Bale
Duração: 150 min.
Ano: 2019

Este filme baseado em factos reais, foca-se nos esforços da Ford em desenvolver um carro de corrida capaz de derrotar a Ferrari na prova de “24 horas Le Mans” de 1966. Como explica Lee Iacocca, um mítico gestor da Ford, o objetivo não é “ganhar corridas”, mas promover a Ford como uma marca “vencedora”, criando a perceção de “vitória” e potenciar a sua reputação gerando um aumento das vendas.

O projeto à partida parece condenado ao fracasso e não é por falta de dinheiro. O difícil é construir um modelo de raiz quando não se tem experiência numa área... A chave do sucesso vai estar nas pessoas, na equipa de colaboradores que se vai unir à volta deste projecto. É interessante notar que também neste caso, o determinante não vão ser os números mas as pessoas. O modelo Ford GT 40 vai nascer, mas acima de tudo, vão crescer figuras como a de Shelby, o gestor desportivo e a do piloto Ken Miles, que com o seu saber adquirido “no terreno”, vai conseguir “puxar” a máquina ao limite e colocar os seus ajudantes a darem o máximo de si próprios.

No final, vencem a prova de 1966 e, depois, várias dos anos seguintes. Quando se luta por uma honesta e autêntica reputação, o impacto repercute-se por longo prazo...

Tópicos de análise:

1. Lutar por um ideal é motivador e inspirador.
2. A unidade do grupo constrói-se com gestos de confiança.
3. O talento pessoal cresce quando se conta com os outros.

[Hiperligação](#)

